

17 Auxílio à interpretação

Na terapia infantil, os brinquedos, as histórias, os bonecos, o desempenho de papéis e os vários expedientes verbais são utilizados de diversas formas para preparar o caminho à interpretação ou para facilitá-la. Um traço comum nessas técnicas é que permitem certo grau de deslocamento ou externalização do eu e das representações de objeto, além da interação entre eles. Esse deslocamento se faz sobre outras pessoas e personagens.

Habitualmente é a criança que inicia o uso do material lúdico de um modo que revela algo sobre ela mesma. A criança pode fazê-lo escolhendo brincar ou trabalhar com um animal ou um boneco, ou contar uma história. O terapeuta então pode seguir a orientação da criança e entrar no jogo, dando uma interpretação sob forma de comentário feito por uma das figuras de brinquedo ou um dos personagens da história, usando assim o personagem da brincadeira como um representante. Habitualmente o terapeuta assenta suas interpretações em termos do brinquedo ou personagem que representa a criança. Algumas crianças aceitam as interpretações com maior facilidade quando a interpretação não se refere diretamente a elas, mas de preferência a outra criança, a uma boneca ou algum personagem numa história.

Referir-se a outra criança é uma forma útil de parafrasear uma interpretação. O terapeuta pode dizer: "Conheci certa vez uma criança que sempre se sentia preocupada quando ficava com raiva da mamãe ou do papai". No entanto, algumas crian-

Para registro. Dar exemplos das várias técnicas usadas para preparar o terreno e facilitar as interpretações (por exemplo, o uso de histórias, de marionetes). Anotar a extensão em que o terapeuta usa esses recursos, quer sejam utilizados no decurso do tratamento ou em certos momentos específicos, e a maneira como a criança responde aos mesmos.

ças não conseguem tolerar esse método, por uma série de razões. Pode suscitar ciúmes, ou ameaçar a auto-estima da criança se ela acreditar que está sendo comparada com outras.

O terapeuta deve ter o cuidado de não entrar em convivência com as defesas da criança em vez de analisá-las. Se a criança não tolera muito bem interpretações diretas, talvez se deva analisar o uso defensivo do deslocamento, mostrando que o método de fazer interpretações sobre a pessoa ou figura em quem a criança exterioriza aspectos de seu próprio eu, e desta forma aceitando temporariamente a externalização, não é necessariamente uma convivência, mas uma forma de aproximar-se gradualmente do conteúdo mental ameaçador. O terapeuta também pode usar a técnica de referir-se a uma *parte* da criança, dizendo, por exemplo: "Acho que uma parte sua não gosta de conhecer os pensamentos de raiva dentro de você". Isso ocasiona maior percepção de conflitos por parte da criança. Outro recurso semelhante é *dividir* a criança num *menino grande* e num *menino pequeno*, que encara as coisas de forma diferente. Todas essas técnicas são auxílios legítimos à interpretação e são usadas como estágios no método analítico.

ANNA FREUD. Há outros traços na personalidade da criança que tomam parte na rapidez com que ela faz os deslocamentos e externalizações. É muito mais fácil a criança criticar uma outra pessoa do que se autocriticar. Frequentemente, aspectos como limpeza ou outros que a criança adquire gradualmente começam uma crítica por parte da criança a outra pessoa. Um bom exemplo é a criancinha que aponta com nojo e desaprovação para outra criancinha que fez xixi no chão, antes de ela mesma ter conseguido controlar o esfíncter. Acho que a rapidez em externalizar e deslocar responde pelo fato de a criança só aceitar muito lentamente a existência do conflito interno no decurso do trabalho analítico.

Michael B., de sete anos e oito meses, estava em tratamento há quase dois anos, quando foi classificado:

O primeiro terapeuta de Michael inventou um menino imaginário chamado Freddy, em histórias interpretativas. Dessa forma, Michael conseguia aceitar interpretações que de outra maneira o teriam esmagado. Seu segundo terapeuta achou útil introduzir outro menino, chamado Peter, que personificava as mudanças resultantes do trabalho analítico, bem como certas mudanças externas. Por exemplo, Peter tinha várias preocupações e uma família maior, e um ego melhor do que Michael. Outro auxílio à interpretação útil às vezes, quando as interpretações diretas ameaçavam oprimir Michael, era contar histórias em quadrinhos (arrumando os desenhos em seqüência para que formassem uma história). Isso envolvia Michael numa atividade de decifrar o material interpretativo. Também respondia ao uso de desenhos para representar suas ansiedades. Sob essas circunstâncias ele podia aceitar interpretações que eram pertinentes à situação.

O fato de arrumar os quadrinhos em forma de charadas pode facilitar o processo analítico, diminuindo a vergonha ou a humilhação da criança quando o tera-

peuta lhe diz algo doloroso. Atraindo a participação ativa do paciente — por exemplo, levando o paciente a trabalhar num enigma figurado ou perguntando-lhe o que conclui da estória —, o terapeuta com freqüência ajuda-o a chegar a uma resposta por ele próprio, o que aumenta a auto-estima e permite-lhe conseguir um sentimento de controle. Essas técnicas podem tornar-se ultrapassadas ou obsoletas no decorrer de um tratamento específico, sem que seu uso tenha sido analisado.

Robert P. começou seu tratamento com nove anos e oito meses; seu material foi classificado quando ele tinha onze anos e quatro meses:

O terapeuta achou que, nas sessões em que Robert mostrava resistência, às vezes era possível atingi-lo de outras maneiras. Entre essas estavam o uso do chiste ou de entrar numa situação de brincadeira, como a de falar com Robert num telefone de *faz-de-conta* e dar-lhe interpretações dessa forma.

A criança pode achar mais fácil começar a discutir tópicos difíceis quando o terapeuta lhe oferece oportunidades para ela distanciar-se primeiro do material.

O material do tratamento de Ilse T. foi classificado quando ela tinha seis anos e seis meses, um ano e sete meses após iniciar o tratamento:

Desde o início Ilse expressou seu medo de que a tivessem mandado ao tratamento como um primeiro passo para mandarem-na embora de casa. Trouxe esse material dentro de um desempenho de papéis, no qual o terapeuta era expulso como Ilse e mandado para um *colégio solitário*, onde devia passar a noite. Em vez de interpretar diretamente o conteúdo, o terapeuta, no seu papel de Ilse, queixou-se de ter sido mandado para a clínica, enquanto seu irmão mais novo estava em casa com mamãe. No desempenho seguinte, Ilse, como uma *professora*, manifestava uma atitude compassiva com o terapeuta, sendo sua *aluna*. Durante a brincadeira, comentou espontaneamente que não estava chamando por mamãe. Embora de início essa abordagem parecesse dar a Ilse a sensação de ser entendida, logo se fez necessário abster-se de entrar nessas dramatizações, porque Ilse começou a utilizar-se delas com a finalidade de negação. Como *mãe*, Ilse dizia: "Todo mundo faz travessura, até eu". Isso para negar sua ansiedade de que a mandassem embora de casa como castigo. Também afirmava, no papel da mãe, que amava a filha mais do que seu filho bebê. Dessa forma, Ilse negava seu sentimento de que o oposto é que era verdadeiro.

No exemplo de Ilse, a criança iniciou o desempenho de papéis e o terapeuta entrou nele, o que refletiu alguns dos sentimentos em curso sobre a vinda ao tratamento. As crianças freqüentemente especificam o papel que atribuem ao terapeuta, o que o ajuda a entender as fantasias da criança. No caso de Ilse, a atribuição de papéis era um auxílio à compreensão e também à interpretação. Mas o desempenho de papéis tem seus perigos, um dos quais é provocar a resistência. A criança pode sentir-se ofendida ou achar que o terapeuta está rindo dela, ou pode sentir-se desafiada na lealdade à mãe, quando o terapeuta desempenha este papel sentindo que o terapeuta está ridicularizando a mãe. No caso de crianças muito pequenas, a avaliação da realidade pode ficar minada se o terapeuta entrar integralmente na dramatização. Ao escolher esse auxílio à interpretação e decidir em que medida usá-lo, o terapeu-

ta deve levar em conta o tipo de expressão da criança e a necessidade de a criança se defender.

Lídia S. começou o tratamento aos cinco anos e sete meses; seu material foi classificado quando ela tinha oito anos:

Lídia representou sua intensa vida de fantasia em casa e no tratamento desde o início. Como o ego de Lídia estava oprimido pela excitação, o terapeuta substituiu a interpretação direta dos desejos por tentativas de contenção, apresentando abordagens mais *distanciadas* de outras pessoas. Embora Lídia soubesse que as pessoas nessas estórias representavam-na e a sua família, só conseguia aceitar a interpretação dessa forma.

Inúmeros fatores podem responder pelo fato de que as estórias interpretativas freqüentemente fazem com que a criança aceite com maior facilidade de interpretação. No caso de Lídia, mais os afetos do que a fala; ou Lídia talvez aceitasse as estórias interpretativas porque a intensidade dos sentimentos de culpa se reduzia ao ouvir que outras pessoas tinham problemas semelhantes.

Katrina L. estava há um ano em tratamento, quando seu caso foi catalogado, aos sete anos e um mês:

No início do tratamento, o terapeuta achou necessário usar estórias que diziam respeito a outras crianças, porque as interpretações diretas suscitavam considerável angústia e agressão. Depois de alguns meses, Katrina passou a reconhecer o *disfarce* e tentava impedir o terapeuta de falar cada vez que ele começava uma estória sobre outra criança. Depois de um ano, Katrina trouxe suas próprias bonecas como objetos substitutos e com elas podia exprimir livremente seus próprios desejos e sentimentos, o que constituiu um instrumento útil para as interpretações do terapeuta.

Existe o perigo das ajudas interpretativas se desgastarem ou passarem a ser usadas rotineiramente. Idealmente devem ser usadas ou encaixadas de acordo com as necessidades da situação analítica. Um exemplo é o caso de uma criança que recebeu muitas interpretações sobre os *amigos*. Isso simplesmente lhe criou o sentimento de que era permitido dirigir a crítica para fora e que estava a salvo na medida em que os outros fossem atacados.

ANNA FREUD. *Com todos esses auxílios à interpretação, é importante que o terapeuta e a criança se juntem na compreensão do assunto de que se está falando. Há crianças cujas defesas principais são contra a palavra falada, de forma que as interpretações têm de ser feitas por escrito. Habitualmente essas crianças acreditam na mágica das palavras e percebem que o analista as está poupando da vergonha e da dor da palavra falada. Por exemplo, um menino pequeno disse de forma bastante clara que não se importava com o que eu falava com seus pais, desde que ele não ouvisse. Algumas vezes as ajudas transformam-se em resistências, e é mais difícil abandoná-las.*

Os auxílios à interpretação às vezes falham ou são mal utilizados. Um paciente respondeu a uma interpretação que foi colocada em termos de ações de amigos,

dizendo ao terapeuta: "Não me amole com os problemas de outras pessoas; eu já tenho muitos problemas".

ANNA FREUD. *Em alguns desses casos o auxílio à interpretação é, pelo menos em parte, paralelo ao avanço das defesas do paciente. Se o analista vai diretamente contra a defesa, desperta o desprazer — não importa se este vem do superego, de outras pessoas ou do medo de desejos inconscientes. Por exemplo, se o analista interpreta logo de início os desejos de morte que a criança tem contra a mãe ou contra os irmãos, isso suscita todo tipo de desprazer, tal como restrições do superego ("Não se matam as pessoas"), o medo de perder o objeto, o medo da qualidade mágica dos próprios desejos. Indo lentamente, mostrando à criança que ela entendeu que há crianças que lutam com as mães e sentem muita raiva delas, ou mostrando numa brincadeira que uma certa boneca realmente queria matar a boneca-mãe, o analista aproxima-se mais um passo do conteúdo defendido. A criança pensa: "Bem, eu não sou a única e não é tão terrível quanto eu pensava; é possível falar realmente sobre isso sem ser muito criticada ou sem ficar muito perturbada". Aceitar esses sentimentos em nós mesmos é um processo gradual.*

Obra publicada, originalmente, em inglês sob o título
The Technique of Child Psychoanalysis – Discussions with Anna Freud
© de Joseph Sandler, 1980
Direitos reservados à The Hogarth Press Ltd, 1980

Capa:
Mário Röhne

Coordenação editorial:
Paulo Flávio Ledur

Composição, diagramação e arte:
AGE – Assessoria Gráfica e Editorial Ltda.

Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa à
EDITORA ARTES MÉDICAS SUL LTDA.
Rua General Vitorino, 277 – Fones 25-8143 e 25-2728
Porto Alegre – RS – Brasil

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

JOSEPH SANDLER
e colaboradores

Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia
I. E. P. P.

técnica da psicanálise infantil

Anna Freud na Clínica Hampstead
Debates - Diálogos - Comentários

Tradução
ARLENE CAETANO
Psicóloga

Revisão técnica:
PAULO KELBERT
Psiquiatra

2.^a Edição



BIBLIOTECA
DO IEPP

PORTO ALEGRE / 1990